

diálogos

no espaço democrático

espaço
democrático

Fundação para Estudos e Formação Política do PSD

Explicando a complicada eleição nos ESTADOS UNIDOS



O cientista político **ROGÉRIO SCHMITT**
e a consultora **VERA GALANTE**
destrinçam o complexo sistema eleitoral
norte-americano, em conversa com o
cientista político **RUBENS FIGUEIREDO**
e o jornalista **SÉRGIO RONDINO**



diálogos no espaço democrático são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

“NÃO É UMA ELEIÇÃO. SÃO 51 ELEIÇÕES SEPARADAS”.

Muita gente ainda não entende como, em 2016, a candidata democrata à presidência dos Estados Unidos, **Hillary Clinton**, perdeu a eleição para o republicano **Donald Trump** mesmo somando mais votos em todo o país: 65,8 milhões de votos contra 62,9 milhões. A explicação está no peculiar sistema eleitoral americano, criado juntamente com a Constituição do país, em 1787. Ao contrário do que acontece no Brasil, nos EUA nem sempre vence quem tem mais votos populares.

“Na prática, são 51 eleições separadas, cada Estado faz a sua, e olhar o total de votos somados não faz sentido”, explicou o cientista político **Rogério Schmitt** no programa “Diálogos no Espaço Democrático”, produzido em setembro de 2020 pela fundação do PSD e disponível no Youtube (https://youtu.be/_963WOhQ_g).

Com a participação de outra especialista nas eleições americanas - **Vera Galante**, CEO da Empower Consultoria - o programa foi conduzido pelo jornalista **Sérgio Rondino** e também teve a participação do cientista político **Rubens Figueiredo**. O diálogo entre eles mostrou, de maneira didática, como se dá a escolha dos 538 membros do Colégio Eleitoral que elege o presidente dos Estados Unidos. “Ganha aquele que recebe mais votos no Colégio Eleitoral”, apontou Schmitt. “O número mágico da eleição é 270, que é a metade dos delegados, mais um”.

Boa leitura.

Sérgio Rondino - Olá! Neste *Diálogo no Espaço Democrático*, que é a fundação para estudos e formação política do PSD, vamos tentar explicar a complicada eleição nos Estados Unidos. Para isso, vamos contar com as explicações do cientista político Rogério Schmitt. Rogério, bem-vindo, obrigado pela participação.

Rogério Schmitt - Obrigado, Rondino. Vamos ver se a gente consegue dar um pouco de sentido a essa coisa tão complicada.

Sérgio Rondino - Tentaremos. Nós temos também a participação do cientista político Rubens Figueiredo que, como o Rogério, é colaborador do Espaço Democrático. Bem-vindo, mais uma vez, Rubens.

Rubens Figueiredo - Obrigado pelo convite.

Sérgio Rondino - E também a participação de uma convidada muito especial, a Vera Galante. A Vera é CEO da Empower Consultoria e é mestre em estudos sobre os Estados Unidos pelo *College of William and Mary*. Ela foi, por 19 anos, assessora cultural sênior da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil. Vera, muito obrigado pela participação.

Vera Galante - Eu agradeço o convite. É uma honra estar aqui com gente tão ilustre. Vamos ver se conseguimos entender as eleições americanas, que muita gente não entende direito.

Sérgio Rondino - Pois é. Eu quero começar perguntando para o Rogério, inicialmente, o seguinte: já virou um lugar-comum alguém se espantar com a informação de que a candidata democrata Hillary Clinton teve mais votos que o republicano Donald Trump e perdeu a eleição. Como é que pode? Eu vou começar esse *Diálogo* por aqui, exa-

tamente com essa pergunta: pode isso, Arnaldo? Ou melhor, pode isso, Rogério Schmitt?

Rogério Schmitt - Então, vou me permitir também dar uma resposta à *la* Arnaldo César Coelho, o famoso árbitro de futebol: a regra é clara. A eleição presidencial americana tem uma característica muito peculiar, porque ela não é uma única eleição, como normalmente acontece no Brasil, por exemplo. Então, o Rondino lembrou bem que em 2016 a Hillary teve mais votos do que o Trump e ele foi eleito. Para ser bem específico, a Hillary teve quase 66 milhões de votos na soma do país, e o Trump 63 milhões. Então, a Hillary teve cerca 3 milhões de votos a mais do que o Trump. Mas ele ganhou a eleição onde importa, que é o Colégio Eleitoral, sobre o qual eu vou começar a falar daqui a pouquinho. Eu só queria dizer o seguinte: esse sistema americano, que parece esquisito, é muito antigo. Ele foi criado na Constituição americana, no final do século 18, e foi criado exatamente - junto com outras instituições políticas dos americanos - para tentar evitar a tirania da maioria, para usar a expressão clássica dos federalistas. A ideia era criar mecanismos para evitar que o presidente fosse eleito por uma maioria que oprimisse as minorias. Daí a ideia de formar o chamado Colégio Eleitoral.

Então, na prática, a eleição americana para presidente não é uma única eleição - são 51 eleições separadas. Cada Estado faz a sua própria eleição. Então, essa mania que a gente tem de olhar para os votos nacionais, para eles não faz sentido. O que importa é ver como foi a eleição em cada Estado. Cada Estado faz a sua própria eleição e a própria apuração. Por isso, somar os votos do país inteiro é um mero recurso informativo, mas não tem muito sentido prático. Então, cada Estado faz a sua eleição e também elege o número de delegados ao Colégio Eleitoral. O Colégio Eleitoral é que, na prá-

PARA SER BEM ESPECÍFICO, A HILLARY TEVE QUASE 66 MILHÕES DE VOTOS NA SOMA DO PAÍS, E O TRUMP 63 MILHÕES. ENTÃO, A HILLARY TEVE CERCA 3 MILHÕES DE VOTOS A MAIS DO QUE O TRUMP. MAS ELE GANHOU A ELEIÇÃO ONDE IMPORTA, QUE É O COLÉGIO ELEITORAL, SOBRE O QUAL EU VOU COMEÇAR A FALAR DAQUI A POUQUINHO. EU SÓ QUERIA DIZER O SEGUINTE: ESSE SISTEMA AMERICANO, QUE PARECE ESQUISITO, É MUITO ANTIGO.



Rogério Schmitt

tica, de fato, escolhe o presidente americano. Cada Estado envia ao Colégio Eleitoral um certo número de delegados, número que é a soma do número de deputados e senadores desse Estado.

É por isso que, por exemplo, o mais populoso Estado americano, que é a Califórnia, tem 55 delegados no Colégio Eleitoral, porque são 53 deputados - é proporcional à população - e mais dois senadores. E há também vários Estados pequeninhos, que não têm muita população, e cada um deles manda três delegados para o Colégio Eleitoral. Por que três? É um deputado - há Estados que têm um só deputado - mais dois senadores. O número de senadores é igual para todos os Estados. Então, é isso o que importa. Cada Estado faz a sua eleição e o partido que ganhar a eleição ali, independentemente do que aconteceu nos outros 50, indica todos os delegados do Estado para o Colégio Eleitoral. Só dois Estados são exceção - o Maine e Nebraska. São pequenos, mas lá pode acontecer de os delegados serem escolhidos por partidos diferentes, porque a totalização é por distrito eleitoral.

Eu gostaria de mostrar aqui um primeiro mapa que ilustra o que estamos conversando aqui, que é um mapa dos Estados Unidos com a divisão por Estados, mostrando quantos delegados cada um deles tem no Colégio Eleitoral. No total, são 538



Sérgio Rondino - Muito bem. Eu quero agora chamar para a nossa conversa a Vera Galante, com as suas impressões a respeito do que nós tratamos até agora. A palavra é sua, Vera.

Vera Galante - Acho muito interessante esse sistema do Colégio Eleitoral. Eu gostaria de lembrar também que o voto não é obrigatório. Há duas grandes batalhas: a primeira é convencer as pessoas a irem votar e a segunda é ganhar a eleição. Querem ter eleitores para poder ser vitoriosos. E há várias maneiras de votar, porque o dia da eleição, primeira terça-feira de novembro, não é feriado e o voto não é obrigatório. Então, você tem de parar de trabalhar para ir lá votar, é difícil. Por isso eles começaram a criar mecanismos para as pessoas votarem de qualquer forma. Podem votar pelo correio, e nisso cada Estado tem uma regra - porque são 50 Estados mais o Distrito de Colúmbia - então são 51 sistemas diferentes. Alguns Estados mandam automaticamente pelo correio a cédula eleitoral em que se vota desde para presidente da República até para o xerife do condado - entra todo mundo e cada voto vai ser contado um a um. Enfim, a regra vai depender do Estado. Em outros Estados o eleitor tem que pedir a cédula pelo Correio.

E existe a votação antecipada - *early voting* - isto é, as pessoas também podem votar antecipadamente e há locais de votação para isso. Isso visa facilitar, provocar o voto, vamos dizer assim. Eu acho muito interessante. Por quê? Porque um grande número de eleitores votando dá mais legitimidade à eleição. É isso que eles querem - mais gente votando.

Sérgio Rondino - Rubens...

Rubens Figueiredo - Eu queria fazer aqui um comentário de caráter mais geral, já que nós quase esgotamos a forma através da qual os americanos votam, e lembrar que até mais ou menos feverei-



EU GOSTARIA DE LEMBRAR
TAMBÉM QUE O VOTO NÃO É
OBRIGATÓRIO. HÁ DUAS GRANDES
BATALHAS: A PRIMEIRA É
CONVENCER AS PESSOAS A IREM
VOTAR E A SEGUNDA É GANHAR A
ELEIÇÃO. QUEREM TER ELEITORES
PARA PODER SER VITORIOSOS.



Vera Galante

ro/março deste ano o grande êxito da eleição era a economia. A economia nos Estados Unidos estava indo muito bem, uma situação de quase pleno emprego, as pessoas satisfeitas, o Trump aparecendo como o grande condutor de um país próspero. E aconteceram dois fatos muito marcantes que foram a pandemia do coronavírus, que virou de cabeça para baixo essa prosperidade econômica e depois a questão racial.

Eu lembro, Rondino, Rogério e Vera, que nós tivemos aqui em junho um debate também sobre a eleição americana com o professor Paulo Kramer e naquela oportunidade o Rogério perguntou se a questão racial teria fôlego para chegar até novembro, que é o mês da eleição. E ficou uma dúvida no ar, se aquela questão tão premente, tão forte naquele momento, seria capaz de perdurar até a eleição. Depois daquele episódio lamentável do George Floyd nós tivemos outro, que foi o cidadão Jacob Blake levar sete tiros pelas costas. Então, a questão racial se acirrou nos Estados Unidos. Portanto, vai ser uma eleição muito peculiar, porque esses três grandes eixos vão ser determinantes na escolha do eleitor e tudo indica que será uma eleição muito polarizada.

Dito isso, eu pergunto ao Rogério: as pesquisas nacionais que são divulgadas nos Estados Unidos levam em conta a população de cada Estado e sua quantidade de delegados, ou esse dado é oferecido à sociedade como é no Brasil, como uma pesquisa nacional que destaca a intenção de votos na maioria dos eleitores?

Rogério Schmitt - Vou começar pelo Rubens, depois comento também sobre o que a Vera disse. As pesquisas eleitorais norte-americanas normalmente mais divulgadas aqui no Brasil são as nacionais. Em todas elas o Joe Biden tem liderado com uma margem, uma diferença de 10 pontos - nunca abaixo de 5% nas pesquisas nacionais até o momento.



DEPOIS DAQUELE EPISÓDIO
LAMENTÁVEL DO GEORGE FLOYD
NÓS TIVEMOS OUTRO, QUE FOI
O CIDADÃO JACOB BLAKE
LEVAR SETE TIROS PELAS COSTAS.
ENTÃO, A QUESTÃO RACIAL SE
ACIRROU NOS ESTADOS UNIDOS.
PORTANTO, VAI SER UMA ELEIÇÃO
MUITO PECULIAR, PORQUE ESSES
TRÊS GRANDES EIXOS VÃO SER
DETERMINANTES NA ESCOLHA
DO ELEITOR E TUDO INDICA
QUE SERÁ UMA ELEIÇÃO MUITO
POLARIZADA.



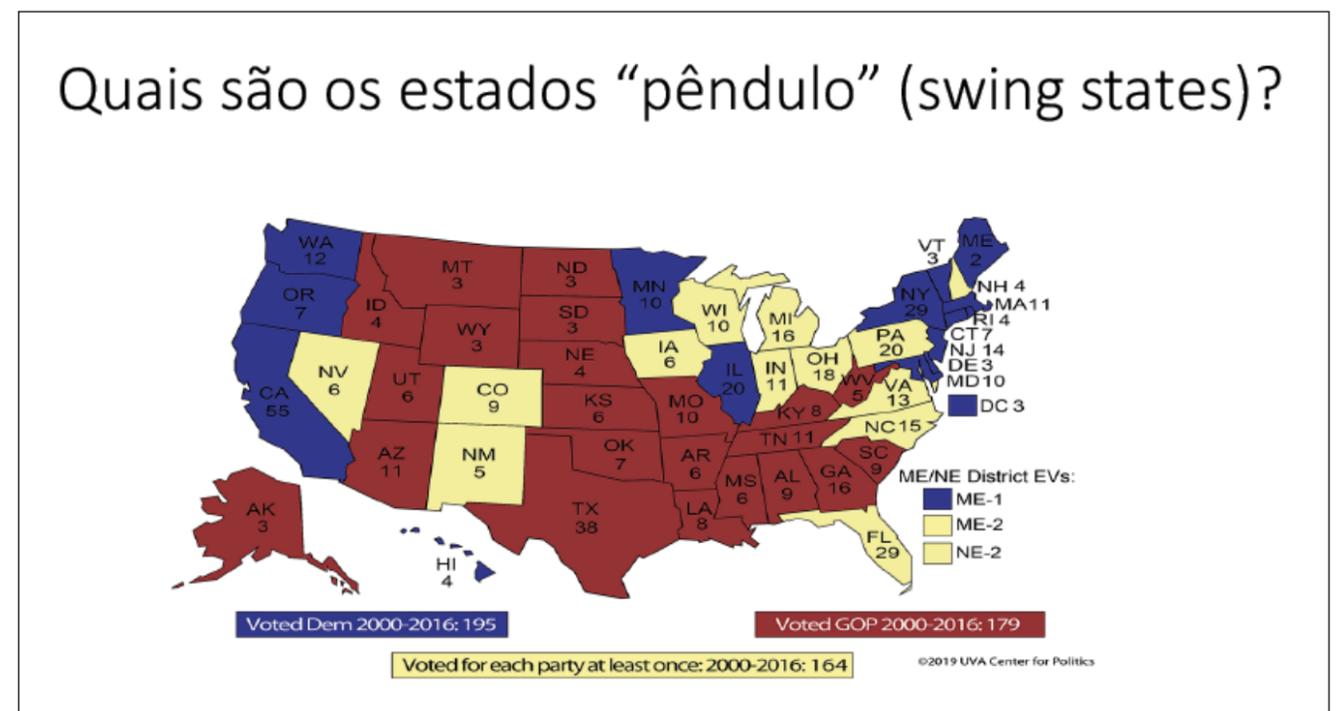
Rubens Figueiredo

Mas, de novo, a rigor esses números não são tão importantes para antecipar o resultado. Depois a gente vai ver aqui - de fato eu concordo com o Rubens - a eleição está muito polarizada. Uma coisa que a Vera falou e que me chamou a atenção é essa questão do voto pelo correio nessa eleição. O presidente Trump tem tuitado bastante, reclamando da possibilidade de fraude com o voto enviado pelo correio, mostrando uma certa preocupação com talvez uma tentativa de tirar a reeleição das mãos dele. Mas o voto pelo Correio é uma instituição bem tradicional nos Estados Unidos, não tem um peso tão grande assim. Eu fiz uma rápida pesquisa de que o voto pelo correio na média representa dois a três a por cento do total dos eleitores que votam. Não sei se tem esse peso que o Trump está querendo dar.

Vera Galante - Eu quero fazer um comentário. Primeiro, nós estamos numa época de pandemia, então deve crescer o número de votantes pelo correio, ninguém sabe o quanto. Trump tem falado muito de fraude nas eleições pelos correios - não nas eleições em si, no voto em si - mas houve uma pesquisa de 2000 a 2012, sobre todos os votos

pelo correio. O que houve ali de fraude? Descobriram quase 500 votos comprovadamente fraudados e o número total de 1 milhão de votos. Então, a fraude existe - presencial, pelo correio, ela existe. Mas o número é desprezível. Então, ele está falando, ele está divulgando teorias conspiratórias, mas não tem base factual para provar o que diz.

Rubens Figueiredo - Eu quero colocar uma questão sobre a motivação que os eleitores do Trump e do Biden terão para ir votar no dia da eleição. Como a Vera lembrou, não é um feriado, é um dia comum e existe um custo para a pessoa sair de casa para votar, deixar de trabalhar, deixar de ficar com as crianças, a família. Existem dois grandes eixos de discurso nessa eleição. O discurso do Trump me parece mais mobilizador, que é a defesa da lei e da ordem: diz que os democratas vão abrir as fronteiras e fechar as prisões e uma horda de vândalos tomará conta das ruas do país. Biden faz discurso mais filosófico, alertando para os riscos à democracia e contra o racismo e também fala da saúde das pessoas e do Obama Care. Então eu pergunto: qual eleitor - o de Trump ou o de Biden - estará mais mobilizado no dia da eleição?



Rogério Schmitt - Eu quero tentar responder ao Rubens voltando à questão do Colégio Eleitoral, se vocês me permitem. Este mapa dos *swing states* eu acho muito interessante para encaminhar a resposta ao Rubens. Ele pega as eleições de 2000 até 2016, as cinco últimas eleições. Os Estados em azul são aqueles onde sempre os democratas ganharam. Difícilmente os democratas terão menos que 195 votos no Colégio Eleitoral, porque eles ganharam nesses Estados azulados todas as eleições desde 2000 até 2016. O Partido Republicano ganhou a eleição, em todas essas vezes, nos Estados em vermelho, que têm também 179 delegados. Então, dificilmente o Trump vai ter menos que 179 delegados, a menos que haja uma grande surpresa. Esse aqui é o piso do Biden e esse é o piso do Trump.

Quem vai estar mais motivado para ir votar, Rubens, e quem os dois candidatos estarão mais interessados em fazer votar, são os eleitores desses Estados amarelinhos, eleitores que têm 164 dele-

gados do Colégio Eleitoral. O que são os Estados amarelinhos? São o que eles chamam lá de *swing states*, ou, fazendo uma tradução aqui, minha, de “Estados pêndulos”. São Estados em que às vezes ganha o Partido Republicano, às vezes ganha o Partido Democrata. Nesses Estados - nessas cinco eleições - houve pelo menos uma vez em que se trocou o partido vencedor. Então, acho que são esses Estados que vão decidir a eleição. Quem ganhar na Flórida, por exemplo, que acho que é o maior desses Estados, vai levar todos os 29 delegados da Flórida. A mesma coisa na Pensilvânia, que é outro Estado importante, que tem 20 delegados. Em condições normais me parece que é nesses Estados que aparecem em amarelo onde, na prática, vai ser eleito o presidente. Provavelmente serão os Estados que os candidatos vão visitar mais, onde eles vão pagar mais anúncios em televisão para mobilizar os eleitores, porque aí é que vai fazer a diferença. Esses 164 delegados dos *swing states* vão determinar o veredito, me parece, da próxima eleição.

Vera Galante - Só queria complementar o que você acabou de falar. Ontem, o Biden estava na Pensilvânia. Hoje o Trump está chegando à Carolina do Norte. Então, eles vão focar nesses Estados. Na Califórnia, o Trump não vai.

Rogério Schmitt - O Biden também não vai para o Texas, né?

Vera Galante - Também não vai, não precisa. O problema da Hillary na eleição passada, segundo os críticos falaram, foi que ela deixou de visitar Estados importantes - e acabou perdendo naqueles Estados que antigamente eram democratas. A matemática tem que funcionar muito bem na hora dessa campanha, tem que se ver para que lado vai, e os amarelinhos lá são realmente os que contam. E eles vão visitar toda semana. A convenção do Partido Republicano foi na Carolina do Norte, Trump foi lá outro dia e chamou o governador de idiota, como chamou também um prefeito de Wisconsin, os dois democratas. Então, ele não é bobo, ele vai exata-

mente onde tem que ir. E o Biden vai começar agora a andar também, ele estava muito parado.

Rogério Schmitt - Eu quero encerrar essa apresentação falando um pouco dos cenários para essa eleição de 2020. Eu separei alguns mapas aqui, fui buscar algumas organizações que tentam fazer projeções de resultados. Essas projeções, claro, mudam todo dia. Então, os números que vou mostrar aqui foram pesquisados no dia 2 de setembro, e pode ser que no dia 3 de novembro seja tudo diferente. São projeções de quem vai ganhar em cada Estado baseadas em pesquisas, tema que o Rubens gosta, em pesquisas em nível estadual, não são as pesquisas nacionais, são as pesquisas feitas em cada Estado. Então, essas organizações tentam fazer estimativas, simulações de como está o cenário em cada dia.

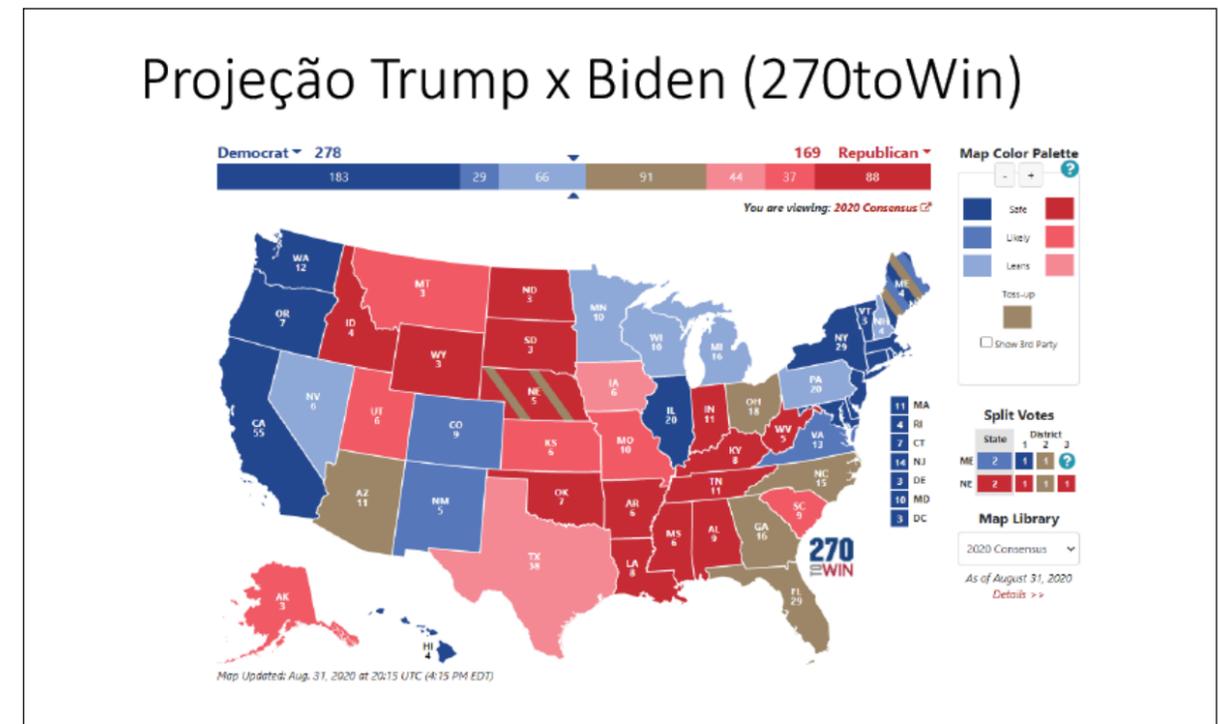
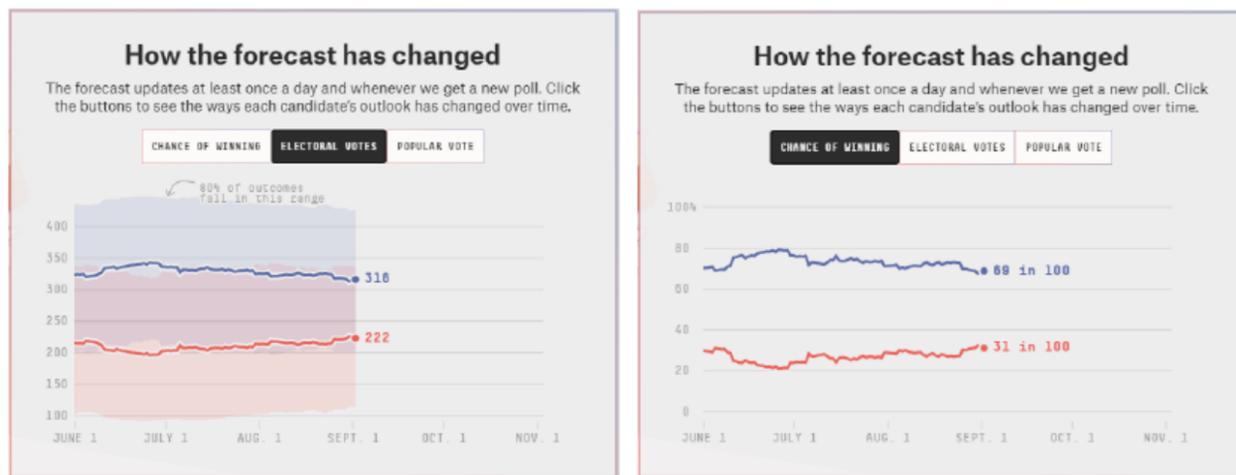
O primeiro gráfico é de um estatístico americano, Nate Silver. Ele ficou famoso em 2008 porque foi quem previu com mais acurácia a vitória do Obama naquela eleição. O Nate Silver tem um site, que é o

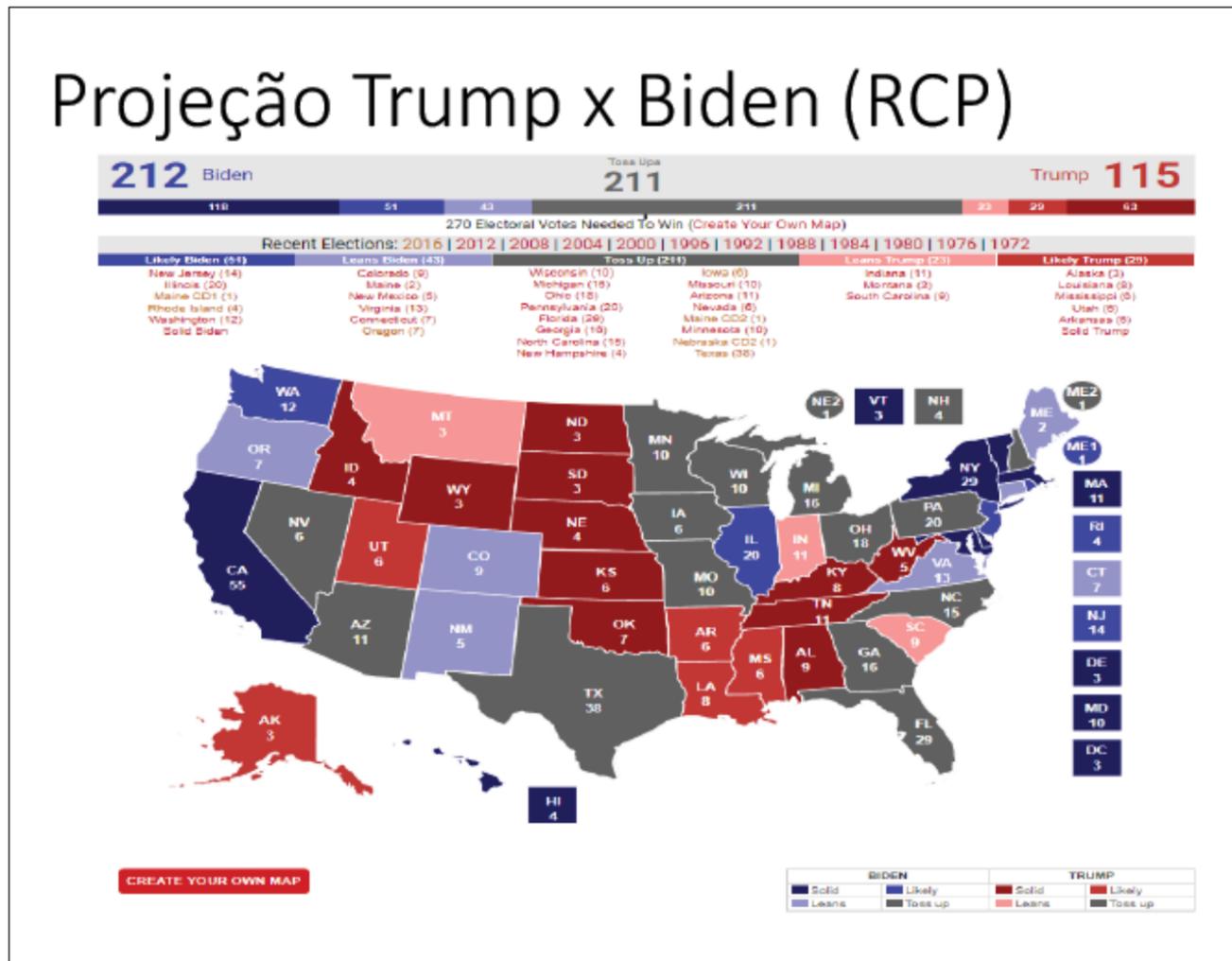
“538” - número de delegados do Colégio Eleitoral -, onde todo dia ele coloca as projeções. Então, nesse momento, pelos critérios do Nate Silver, o Biden teria 316 votos no Colégio Eleitoral contra 222 do Trump. De novo, baseado em levantamentos da opinião pública em cada Estado. E aqui também ele indica as chances de vitória. Então, nesse momento o Biden teria 69% de chances de ser eleito e o Trump 31%, segundo a metodologia do Nate Silver.

Eu vou mostrar aqui mais outras duas metodologias semelhantes. Outra organização interessante para a gente acompanhar é o “270toWin” (270 para vencer). Lembrando o que já falei, 270 é o número mágico, número mínimo de delegados que precisa

ser atingido. Nessa organização, nesse momento o Joe Biden estaria com 278 delegados - dos Estados em azul - e o Trump com 169, dos Estados em vermelho. Quanto mais vermelho, mais segura a vitória para os republicanos e quanto mais azul mais segura a vitória para os democratas. E nesse momento temos aqui no mapa 91 delegados nesses Estados em marrom claro, que são Estados indefinidos, onde, com base nas pesquisas, é impossível apontar um favorito nesse momento. Então, por essa metodologia aqui, hoje o Biden já teria os 270 votos que ele precisa para se eleger. Mesmo que o Trump leve todos os 91 delegados desses outros Estados indefinidos, ele não suplantaria o patamar do Biden.

Projeção Trump x Biden (Nate Silver)





Pessoalmente, de todas essas organizações, a minha favorita é a RCP, que é a sigla para *Real Clear Politics*, que é um site muito bom que todo dia divulga projeções do Colégio Eleitoral. No RCP, o Biden hoje estaria com 212 delegados garantidos, e o Trump com 115 delegados garantidos. E há os *Toss Up*, que são os Estados incertos, “cara ou coroa”, que podem ir para um lado ou para o outro, com nada menos que 211 delegados. Mas talvez seja um pouco exagerado, porque eles mostram, por exemplo, o Texas indefinido, e na verdade o Texas é um Estado onde o Trump dificilmente vai deixar de ganhar, mas só para dar uma ideia do equilíbrio nessa eleição.

Eu fico sempre com a projeção mostrada naquele mapa anterior, dos “*swing states*” ou Estados pêndulos, que é baseada não em pesquisas, mas no retrospecto de outras eleições, que já mostrei aqui. O piso do Biden é 195 votos, o piso do Trump é 179, e nos 164 delegados dos Estados amarelinhos é onde está realmente a disputa. As outras metodologias que eu mostrei são baseadas em pesquisas. Essa aqui me parece mais sustentável porque ela está baseada nos retrospectos das eleições anteriores.

Sérgio Rondino - Eu gostaria de ouvir um comentário da Vera sobre um aspecto da eleição americana que não tem diretamente a ver com Trump ou Biden.

É o fato de que em cada Estado ou condado existe uma série infindável de referendos em que as pessoas votam para decidir as coisas mais locais mesmo – mudança em alguma coisa numa escola, eleição de um xerife etc. Eu queria que você comentasse, Vera, esse aspecto da democracia norte-americana.

Vera Galante - Aqui no Brasil a gente fala muito de democracia participativa e eu acho que essa experiência deles seria a mais perfeita definição. Eles participam de tudo, como você mencionou: divisão de distritos escolares, se deve haver algum zoneamento diferente, vai para referendo nas eleições. O xerife do condado, o secretário da educação... isso varia conforme o Estado e o condado, mas todos esses são cargos eletivos. Por exemplo, a senadora Kamala Harris, que é candidata a vice-presidente com Biden, ela foi eleita procuradora-geral – *attorney general* – no Estado da Califórnia, anos atrás. Então, a cédula eleitoral não tem dois nomes – ela tem dois nomes e mais uma infinidade de itens que apaixonam as pessoas que moram naquela localidade. Então, voltando a um comentário feito pelo Rubens há pouco, o que motiva as pessoas a votarem? Muito é o que acontece com ela na sua própria casa. Então, já que ela vai votar nas questões do distrito, porque afetam diretamente as pessoas, então ela acaba votando para presidente também. É uma coisa muito interessante, porque o que motiva realmente o eleitor é o que acontece na vizinhança, no microcosmo ali.

Sérgio Rondino - O curioso é que, de certa maneira, é uma inversão do que costuma acontecer aqui no Brasil. O Rogério e o Rubens podem falar sobre isso. Porque aqui é o contrário, se há uma eleição presidencial, primeiro a pessoa pensa na eleição de presidente e nem liga muito para a eleição de deputado estadual ou federal, é uma inversão de prioridades, não é?

Vera Galante - É verdade. Você lembra em qual candidato votou?

Sérgio Rondino - Eu lembro, mas me interessei por política a vida toda. No geral, pouquíssimos lembram.

Vera Galante - Em deputado estadual ou vereador a gente só pensa na época da eleição. A gente não cobra deles, não acompanha. Não é a nossa cultura.

Rubens Figueiredo - Os Estados Unidos são o país talvez mais desenvolvido tecnologicamente do mundo e as eleições são muito antiquadas. Eu queria perguntar para o Rogério se ele acha que pode haver um atraso na apuração parecido com o que aconteceu com o Bush.

Rogério Schmitt - É uma ótima pergunta, Rubens. Aqui no Brasil é ingrato acompanhar a eleição americana, porque o resultado final sai de madrugada, por volta das 4 da manhã, no horário de Brasília, por causa da diferença do fuso horário, porque a apuração de fato é bem mais lenta do que no Brasil. E à medida que a apuração vai avançando, as emissoras de TV vão dando: “Ah, Fulano ganhou no Estado tal, beltrano ganhou em outro Estado”, e eles já vão fazendo as contabilizações parciais. É difícil dizer se o que aconteceu na Flórida em 2000 pode acontecer de novo, porque na Flórida, ou em qualquer outro Estado, eu quero acreditar que não, mas como cada Estado tem o seu sistema, e em alguns deles o negócio é bem antiquado mesmo, não dá para descartar. A gente torce para que não, para que não haja dúvida sobre a legitimidade da eleição.

Mas eu queria registrar também que o Trump e o Biden não são os únicos candidatos a presidente. Você tem uma miríade de pequenos partidos nos



Estados Unidos que também lançam candidatos à Presidência, só que não têm a menor chance, porque não têm estrutura política competitiva. Agora, por exemplo, tem o Partido Libertário, o Partido Verde, já anunciaram candidatos lá, mas não são nomes que vão ser mencionados na cobertura porque não têm muita chance.

Vera Galante - Nem entram na cédula em muitos Estados. Eles precisam ter uma representatividade xis para poder entrar na cédula.

Rogério Schmitt - A Vera lembrou bem: não tem um modelo nacional de cédula, cada Estado faz do seu jeito. O que a gente sabe é que também vai ter eleição para renovar toda a Câmara dos Representantes - que seria a nossa Câmara dos Deputados - e para renovar parte das vagas no Senado. Alguns Estados vão eleger senador e outros não e em vá-

rios deles haverá eleição para governador, para o legislativo estadual. Enfim, é uma variedade muito grande de processos eleitorais simultâneos.

Vera Galante - São 16 modelos diferentes de cédulas eleitorais, dependendo do Estado em que você está. Então, não tem como fazer contagem eletrônica. É muito variado. Tem que ser manual mesmo.

Sérgio Rondino - E chegamos ao final deste programa. Vera, eu agradeço muito pela sua participação importante aqui no nosso Diálogo. Obrigado, Rogério, pelas explicações. tenho certeza de que agora as regras estão muito mais claras para nós. Obrigado, também ao Rubens pela participação mais uma vez. E agradeço a você, que acompanhou mais este Diálogo no Espaço Democrático. Até o próximo programa.



<p>Presidente Alfredo Cotait Neto</p> <p>Coordenador Nacional de Formação Política Raimundo Colombo</p> <p>Coordenador Nacional de Relações Institucionais Vilmar Rocha</p> <p>Secretária Ivani Boscolo</p> <p>Diretor Superintendente João Francisco Aprá</p>	<p>Conselho Consultivo</p> <p>Presidente Guilherme Afif Domingos</p> <p>Conselheiros Alda Marco Antonio André de Paula Antonio Anastasia Cláudio Lembo Georgiano Neto Otto Alencar Ricardo Patah</p>	<p>Conselho Superior de Orientação</p> <p>Presidente Gilberto Kassab</p> <p>Conselheiros Belivaldo Chagas Carlos Massa Ratinho Junior Diego Andrade Domingos Aguiar Neto Guilherme Campos Letícia Boll Vargas Omar Aziz Robinson Faria Samuel Hanan</p>
---	---	--



www.espacodemocratico.org.br